

# Peregrinação e encontros com aves

ISABEL BARROS DIAS

Universidade Aberta /

IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição

IEM – Instituto de Estudos Medievais

NOVA/FCSH

isabel.dias@uab.pt

*Ao Professor Aires Nascimento no seu 80.º aniversário*

A *Navegação de São Brandão* e o *Livro das Aves* foram objeto de estudo nos seminários de “Filologia Latina Medieval” e de “Literatura Latina Medieval”, lecionados pelo Professor Aires Nascimento em finais dos anos 80, e por mim frequentados. Trata-se de duas obras que tiveram um considerável sucesso, subsistindo manuscritos representativos das suas diversas famílias textuais em múltiplos pontos da Europa. Trata-se também de duas obras que terão suscitado interesse, tanto no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, como no de Alcobaça, pelos séculos XII-XIII, o que, desde logo, nos mostra como estes *scriptoria* e bibliotecas se encontravam nas rotas de circulação dos livros no período medieval, tema que tem sido amplamente trabalhado por Aires Nascimento<sup>1</sup>.

As duas versões que subsistem em Portugal da *Navegação de São Brandão* foram editadas por Aires Nascimento, em 1998 e reeditadas em 2002<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Veja-se, a título de exemplo: A. A. NASCIMENTO, “Concentração, dispersão e dependências na circulação de manuscritos em Portugal nos séculos XII e XIII”, in *Coloquio sobre circulación de códices y escritos entre Europa y la Península en los siglos VIII-XIII*, Santiago de Compostela, 1988, pp. 61-85; Id., “As livrarias dos príncipes de Avis”, *Biblos*, 69, 1993, 265-287; Id., “Livros e leituras em ambiente cisterciense”, in *IX Centenário do nascimento de S. Bernardo. Encontros de Alcobaça e simpósio de Lisboa*, Braga, 1991, pp. 148-165; Id., “Le scriptorium d’Alcobaça: identité et corrélations”, *Lusitania Sacra*, 4, 2.ª série, 1992, 149-162; Id., “Monges, livro e leituras: modos de espiritualidade e preservação de textos”, in *Os Beneditinos na Europa*, Santo Tirso, 1999, pp. 203-209; Id., “Tempos e livros medievos: os antigos códices de Lorvão – do esquecimento à recuperação de tradições”, *Compostelanum*, 56, 2011, 729-753.

<sup>2</sup> A. A. NASCIMENTO (ed.), *Navegação de S. Brandão nas fontes portuguesas medievais*, Lisboa, 2002 – daqui em diante **Navegação I** e **Navegação II**, consoante a versão citada. Depois das duas versões da *Navegação*, o livro integra ainda edições de outros dois textos que reportam viagens em busca do Paraíso: *Viagem de Trezenzónio ao Paraíso, na Ilha do Solstício*

Os textos são precedidos por uma utilíssima introdução, que os aborda desde múltiplos pontos de vista e levanta um conjunto amplo de questões, desde as suas raízes e reescritas, aos temas e tópicos que integram, sem esquecer a apresentação dos três testemunhos considerados:

- I – *Navegação S. Brandão* (Versão da “Vita”)  
Porto, BPM, Sta. Cruz ms. 34, fls. 111r-117r – século XII (P)  
Porto BPM, Sta. Cruz ms. 69, fls. 268v-273v – século XIII (Q)
- II – *Navegação de São Brandão* (versão de Benedeit, de c. 1120)  
Lisboa, BN, Alc. 380 – século XIII<sup>3</sup>.

A amplitude da difusão desta obra na Europa medieval foi rastreada por Carl Selmer, responsável pela sua edição em 1959<sup>4</sup>. A distribuição geográfica e cronológica dos manuscritos identificados é impressionante, cobrindo toda a Europa e estendendo-se por um período de seis séculos, com início na segunda metade do século X, e pontos mais altos nos séculos XIII e XV.

No que se refere aos *Livros das Aves*, também existem manuscritos, tanto de Santa Cruz de Coimbra, como de Alcobaça:

- Porto, BPM, Sta. Cruz ms. 43, fls. 89r-110v – finais do século XII – inícios do XIII (C)
- Lisboa, BN, Alc. 238 (ant. XXIX), fls. 202v-227r – finais do século XIII – inícios do XIV (A)<sup>5</sup>.

Neste caso, existe ainda um terceiro manuscrito latino, proveniente do mosteiro do Lorvão e alguns fólios de uma adaptação para o português:

- Arq. Nacional da Torre do Tombo, ms. 90 – Lorvão – 1184 (L)<sup>6</sup>
- Biblioteca da Universidade de Brasília (setor “Obras raras”) – 9 fólios do ms. do *Livro das Aves* em português, ms. único do século XIV<sup>7</sup>

---

(ed. de A. A. NASCIMENTO) e *Conto de Amaro* (ed. de E. M. B. SILVA) – aqui identificado pela sigla **CA**, ambas precedidas por breves introduções que sublinham algumas semelhanças e múltiplas diferenças relativamente à *Navegação de S. Brandão*. De salientar ainda um artigo mais recente de A. A. NASCIMENTO, “Traços esquecidos de tradição hispânica: comparando versões da *Navigatio Brendani*”, in P. F. Alberto, R. Furtado (coords.), *Quando Portugal era reino de Leão. Estudos de cultura e identidade antes de D. Afonso Henriques*, León / Lisboa, 2011, pp. 127-142, onde o autor revisita a tradição manuscrita da *Navegação de S. Brandão*, especialmente a versão mais antiga e comenta as especificidades da tradição hispânica da obra, bem como as diferenças entre os seus testemunhos.

<sup>3</sup> Atualmente disponível na Biblioteca Nacional de Portugal em <http://purl.pt/24162> (data de consulta: 14-07-2019).

<sup>4</sup> C. SELMER (ed.), *Navigatio Sancti Brendani Abbatis from Early Latin Manuscripts*, Notre Dame, 1959. Veja-se também o artigo de C. SELMER, “A study of the Latin manuscripts of the *Navigatio Sancti Brendani*”, *Scriptorium*, 3, 2, 1949, 177-182. Para uma lista de manuscritos, acrescida de uma bibliografia de edições modernas e de estudos sobre a obra ver [https://www.arlima.net/mp/navigatio\\_sancti\\_brendani.html](https://www.arlima.net/mp/navigatio_sancti_brendani.html) (data de consulta: 07-04-2020).

<sup>5</sup> Atualmente disponível na Biblioteca Nacional de Portugal em <http://purl.pt/24388> (data de consulta: 14-07-2019).

<sup>6</sup> As ilustrações do ms. do Lorvão estão acessíveis na página da Torre do Tombo, disponível em <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4381076> (data de consulta: 14-07-2019).

<sup>7</sup> O ms. é descrito em *Philobiblon* – <http://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/> – BITAGAP, manid 1151 (data de consulta: 14-07-2019).

Os manuscritos latinos foram objeto de uma edição crítica por Maria Isabel Rebelo Gonçalves, em 1999<sup>8</sup>, e os fólhos em português (que não serão aqui tidos em conta) foram editados por Nino Rossi, em 1965<sup>9</sup>.

Os três exemplares portugueses em latim pertencem a uma família textual específica desta obra, a mais antiga (Grupo da Abadia de Heiligenkreuz, na Áustria)<sup>10</sup>. O exemplar em português, à semelhança da sua única congénere, a tradução francesa do *De Avibus*, é considerado como uma versão distinta<sup>11</sup>. O *De Auibus* tanto pode existir como texto independente, como integrar um bestiário (geralmente o *De bestiis et aliis rebus*). Este último é um de entre os vários bestiários que, na Idade Média<sup>12</sup>, foram herdeiros da tradição dos fisiólogos latinos cujas raízes, por seu turno, remontam a um recôndito fisiólogo grego<sup>13</sup>.

Estamos assim perante duas obras de origens muito diversas. Por um lado, os *Livros das Aves* integram-se na grande tradição da cultura greco-latina que, adaptação após adaptação, veio a integrar a cultura cristã medieval. Por outro lado, a *Navegação de São Brandão* é um texto cristão, configurando-se como um relato memorialista de uma peregrinação entre ilhas, mas com raízes que remontam ao substrato celta irlandês, e cuja

<sup>8</sup> M. I. R. GONÇALVES (ed.), *Livro das Aves*, Lisboa, 1999 – daqui em diante **LA**.

<sup>9</sup> N. ROSSI (ed. lit.), *Livro das Aves*, [Rio de Janeiro], 1965.

<sup>10</sup> Sobre este assunto, ver W. B. CLARK (ed. e trad.), *The Medieval Book of Birds. Hugh of Fouilly's Aviarium*, Binghamton / New York, 1992, sobretudo pp. 29 e seguintes (sobre os dois modelos básicos, onde é possível identificar cinco famílias textuais). Ver também M. I. R. GONÇALVES, op. cit., pp. 12 e 37 (cf. testemunhos de Troyes e de Aberdeen).

<sup>11</sup> Sobre as duas traduções para línguas vernáculas (português e francês) do *De Auibus* e que sobrevivem, cada uma, em ms. único, ver W. B. CLARK, op. cit., 1992, pp. 29 e 305-306.

<sup>12</sup> Para uma lista (não exaustiva, mas ilustrativa) de manuscritos de bestiários latinos e respetivas famílias textuais, ver [http://bestiary.ca/articles/family/mf\\_latin.htm](http://bestiary.ca/articles/family/mf_latin.htm). Para as famílias de bestiários franceses ver [http://bestiary.ca/articles/family/mf\\_french.htm](http://bestiary.ca/articles/family/mf_french.htm). Para outras línguas, ver [http://bestiary.ca/articles/family/mf\\_other.htm](http://bestiary.ca/articles/family/mf_other.htm). Ver ainda [http://bestiary.ca/articles/family/mf\\_intro.htm](http://bestiary.ca/articles/family/mf_intro.htm) (data de consulta: 07-04-2020). Infelizmente, nestas listas não consta qualquer referência aos mss. portugueses, falha que esperamos que venha a ser rapidamente sanada.

<sup>13</sup> Este último poderá remontar ao período de entre o século II a V da era cristã. Para uma resenha mais detalhada do percurso destes textos ver M. I. R. GONÇALVES, op. cit., pp. 11-12. Ver ainda A. VARANDAS, “A Idade Média e o Bestiário”, *Medievalista online*, 2, 2006, 53 pp. – disponível em <https://www.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA2/medievalista-bestiario.htm> (data de consulta: 14-07-2019) que refere não só as origens do bestiário, como também apresenta as diferentes versões, manuscritos e famílias de manuscritos, e ainda uma extensa bibliografia sobre o assunto. Já L. B. PEREIRA, “Os bestiários medievais franceses: origens e lições de sobrevivência”, in M. Alarcão, L. Krus, M. A. Miranda (coords.), *Animalia. Presença e representações*, Lisboa, 2002, pp. 145-157, faz o historial do género, desde os fisiólogos, até aos mais importantes bestiários franceses medievais: o *Bestiaire* de Philippe de Thaün, o *Bestiaire Divin* de Guillaume le Clerc de Normandie, o *Bestiaire* de Gervaise e o *Bestiaire* de Pierre de Beauvais, “le Picard”. Ver também W. B. CLARK, *A Medieval Book of Beasts. The Second-Family Bestiary: Commentary, Art, Text and Translation*, Woodbridge, 2006. Para além da contextualização da obra, igualmente de interesse para o presente estudo é, neste mesmo livro de W. B. Clark, o capítulo sobre a presença do bestiário na educação medieval (pp. 98-111).

versão primitiva será do século VII<sup>14</sup>. Com efeito, e tal como indicado no prólogo da edição (pp. 15-16), a tradição irlandesa dos relatos de peregrinações dos seus santos mais antigos tem marcadas semelhanças com as narrativas de viagens conhecidas como *immrama* (que põem a tónica na navegação errante) e *echtraí* (que sublinham o afastamento do mundo a fim de alcançar um Além de felicidade, situado algures no oceano).

Apesar desta distância original, os dois casos configuram-se como resultado de tradições recebidas e renovadas em contexto cristão. Acrescem ainda algumas coincidências mais pontuais, como o facto de também existir na tradição greco-romana a convicção da existência de ilhas afortunadas ou, mais importante para a linha que vamos explorar a seguir, o facto de, tal como refere Aires Nascimento, alguns passos da *Navegação de São Brandão* denotarem a influência de conhecimentos veiculados pelos fisiólogos, nomeadamente o episódio da baleia, onde os monges passam as Páscoas, e o do dragão<sup>15</sup>. É evidente que esta influência terá ocorrido muito a montante da produção de qualquer um dos testemunhos portugueses, seja da *Navegação de São Brandão*, seja do *Livro das Aves*. Por conseguinte, e como temos a intenção de refletir sobre os exemplares portugueses, não vamos repisar este trabalho, que está feito. O caminho que vamos trilhar a seguir não assentará, pois, na pesquisa de eventuais influências entre as duas obras. Pelo contrário, situa-se no extremo oposto da produção, ou seja, trata-se de uma reflexão sobre as suas potencialidades em termos de receção, tendo em conta o quadro mental específico, partilhado pelos leitores das duas obras.

No final do texto da *Navegação* temos a explicação do significado global do percurso realizado: “Eis a terra que procurais há muito tempo e a razão por que não conseguistes de imediato descobri-la foi porque Deus vos quis mostrar a diversidade dos seus segredos no grande oceano.” (Navegação I, p. 115). Ou seja, independentemente de o objetivo da demanda ser um local específico, vemos aqui a valorização do percurso e do conhecimento que advém do confronto com situações diversificadas (as denominadas *mira-bilia Dei*). Também o *Livro das Aves* pretende promover um caminho e uma reflexão. Neste caso, parte-se, maioritariamente, do mundo real mais próximo (se bem que por vezes este seja entrecortado por referências a criaturas fantásticas mas em cuja existência se acreditava) para estimular uma meditação ampla sobre a obra divina e respetivo criador. Assim, logo no prólogo encontramos a seguinte passagem, que nos apresenta claramente os objetivos pretendidos:

resolvi pintar a pomba [...] e edificar as mentes dos simples por meio da pintura: aquilo que o espírito dos simples dificilmente conseguiria alcançar com os olhos do entendimento, poderá, pelo menos, percebê-lo com os do corpo;

---

<sup>14</sup> “*Navigatio Brendani*, cuja versão primitiva parece remontar ao século VII e apresenta continuidade de leitura pelo menos até ao século XIII [...] um texto que tem na Europa uma larga tradição (conhecem-se mais de 120 manuscritos medievais, pelo que se pode considerar um dos textos mais divulgados)” (A. A. NASCIMENTO, op. cit., 2011, p. 129).

<sup>15</sup> A. A. NASCIMENTO, op. cit., 2002, pp. 23 e 48.

e a vista perceberá aquilo que o ouvido entenderia a custo. Não quis apenas pintar a pomba dando-lhe forma, mas também descrevê-la por palavras, para elucidar a pintura por meio da escrita: que ao menos agrade a moralidade da escrita a quem não agrada a simplicidade da pintura.

LA, p. 59

Dado este contexto amplo que engloba as duas obras, pretendemos interrogar os textos a fim de identificar elementos que poderão ter contribuído para justificar a sua presença e pertinência nos dois *scriptoria* mais importantes da Idade Média portuguesa. A nossa reflexão incidirá exclusivamente sobre as duas passagens da *Navegação* que incluem aves<sup>16</sup>, ou seres alados, uma vez que este é o elemento de contacto possível entre as duas obras em análise, estabelecendo-se em seguida pontes com o *Livro das Aves*. Assim, debruçar-nos-emos sobre estes dois momentos, comparando primeiro a versão mais antiga, de Santa Cruz, com a versão Alcobacense, que copia a reelaboração de Benedeit (e que consiste num texto mais amplo e retoricamente mais elaborado, porque mais adjetivado e sublinhando mais maravilhas e resplendores). Seguidamente traçaremos alguns paralelos com os *Livros das Aves* e afins.

## 1. A Ilha das Aves

A Ilha das Aves é o episódio que se segue ao momento mais conhecido da *Navegação*, a Baleia que os monges confundem com uma ilha. Constitui o espaço aprazível onde, durante os sete anos que a navegação dura, os monges passam o período de cerca de dois meses que medeia entre a Páscoa e o Pentecostes (50 dias). A obra refere a ilha das aves, num primeiro episódio, mais longo e explicativo, quando o conjunto de monges aporta pela primeira vez na ilha e depois, já perto do final da navegação, temos notícia da última visita à ilha das aves, que antecede o muito desejado acesso à Terra da Promissão.

De acordo com a versão mais antiga (*Navegação I*, pp. 90-95), entre a vegetação da ilha, existe “uma árvore de altura extraordinária, envolta por aves de grande brancura; e por tal forma a cobriram num repente que quase deixaram de se ver as suas folhas e os seus ramos.” (*Navegação I*, p. 91). Na versão de Benedeit, esta árvore tem a particularidade de ter algumas folhas brancas, outras avermelhadas<sup>17</sup>. São Brandão roga a Deus que lhe revele o

---

<sup>16</sup> Apesar de pouco considerados, os motivos literários que recorrem a projeções ou metáforas que incluem aves são relativamente comuns. Para uma ideia destas possibilidades, veja-se o seguinte livro coletivo: C. CONNOCHIE-BOURGNE (études réunis par), *Déduits d'oiseaux au Moyen Âge*, Aix-en-Provence, 2009.

<sup>17</sup> Aires A. Nascimento considera que esta árvore deve ser aproximada, não da árvore do Paraíso, mas do motivo celta da “Árvore do Mundo” (A. A. NASCIMENTO, op. cit., 2002, p. 129, n. 40). No que se refere às cores referidas na versão de Benedeit, interpreta-as como traços tendencialmente negativos, por não serem totalmente brancas (A. A. NASCIMENTO, op. cit., 2002, p. 202, n. 39).

segredo do que vê e uma das aves pousa na proa da embarcação e explica que são “danos colaterais” da queda de Lúcifer. Não apoiaram nem consentiram a rebelião, por isso, não sofrem penas e podem ver a presença de Deus, porém, estão afastadas dos anjos fiéis. Esta situação é explicada de modo mais detalhado, na versão de Benedeit, por uma das aves, que esclarece:

Somos anjos; estivemos em tempos no céu e tombámos do mais alto ao mais baixo, com o miserável desse soberbo, por causa do orgulho que ele ostentou contra Deus. Ele era nosso mestre e era seu dever educar-nos na virtude; e porque era de grande saber, pertencia-nos tê-lo por mestre. Mas ele tornou-se réprobo, por causa do orgulho. As palavras de Deus recebeu-as com desdém. [Depois de assim proceder, continuámos a servi-lo e a obedecer-lhe como antes]. Por isso fomos banidos do reino da verdade. Mas porque não demos o nosso assentimento ao seu acto, apenas temos, por poder de Deus, que não recebemos pena tão grande como aqueles que deram assentimento ao seu orgulho. Não sofremos outra pena que não seja estar sem ver a majestade de Deus. Se desejas saber o nosso nome, aqui estão as aves do Paraíso.

Navegação II, p. 155

Em todo o caso, que se trata de criaturas de Deus fica estabelecido logo na primeira troca de palavras, quando São Brandão se dirige à ave que se aproxima: “Se és mensageira de Deus, diz-me de onde são estas avezinhas e por que motivo está aqui este ajuntamento delas” (Navegação I, p. 93) ou, na versão de Benedeit, “Se tu és criatura de Deus, presta atenção às minhas palavras. Primeiro, diz-me quem sois e que fazeis neste lugar” (Navegação II, p. 155). Esta pertença é ainda sublinhada, no final do episódio, nas bênçãos que as aves entoam quando o barco dos monges se afasta (“Ouvi-nos, ó Deus nosso salvador, esperança de todos os confins da terra e no mar, ao longe.” – Navegação I, p. 95) e, no final dos sete anos, quando o grupo finalmente se dirige à Terra da promessa: “Subiram para o navio e todas as aves que havia naquela ilha diziam: ‘Deus, nosso salvador, vos dê uma viagem de feição.’” (Navegação I, p. 113)

Parece-nos de reter o uso do termo *mensageira*, que nos surge na versão mais antiga. Como já notou Aires Nascimento, o motivo das aves mensageiras é recorrente em várias culturas, bem como o facto de poderem representar almas de mortos ou ainda, como neste caso específico, anjos caídos mas com um grau de culpa ínfimo<sup>18</sup>. Para além disto, parece-nos que o tópico ecoa em outros pontos do episódio, especialmente quando se concretiza no facto de as aves se revelarem conhecedoras do périplo futuro de São Brandão e do seu carácter cíclico, transmitindo-lhe essa informação.

---

<sup>18</sup> Sobre este assunto ver A. A. NASCIMENTO, op. cit., 2002, p. 129, n. 38, sobre o motivo das aves mensageiras: na tradição muçulmana simbolizam a ave libertada e apta para cantar; no Paraíso, os louvores divinos; na tradição irlandesa são identificadas com as almas dos mortos; na cultura celta são associadas aos anjos caídos tendo em conta o seu grau de participação na revolta de Lúcifer. Esta última questão é retomada em A. A. NASCIMENTO, op. cit., 2002, p. 202, também n. 38.

Assim, logo no primeiro encontro, a ave diz: “Tu, por teu lado, com os teus irmãos, tens já um ano de viagem; e ainda te falta seis anos. Onde hoje celebras a Páscoa, aí a celebrarás cada ano e depois descobrirás aquilo que propuseste em teu coração, ou seja, a Terra de Promissão dos Santos.” (Navegação I, p. 93). Mais tarde, depois do Pentecostes, quando os monges se preparam para partir, a mesma ave volta a pousar na proa do navio e diz a São Brandão: “No mesmo lugar em que estivestes no ano passado na Ceia do Senhor, aí haveis de estar no próximo ano para o mesmo dia. Outro tanto na noite do domingo de Páscoa, sobre o dorso de Iascónio, onde já antes fizestes a celebração” (Navegação I, p. 95). Na versão de Benedeit, quando os monges partem, a ave diz: “Seis meses navegareis pelo mar até encontrardes sossego e até chegardes à ilha de Albeu, onde estareis no Natal do Senhor” (Navegação II, p. 157) e depois “Amabilíssimos senhores, a este lugar, durante sete anos, por este tempo, tornareis, e todos os anos estareis na ilha de Albeu, no Natal do Senhor. Fareis a Ceia e o Mandato onde vos foi preceituado pelo vosso anfitrião, e todos os anos celebrareis a festa da Páscoa em cima do cetáceo.” (Navegação II, p. 165).

Esta dimensão articula-se ainda com outro traço que encontramos também só na versão mais antiga, reportada pelos manuscritos de Santa Cruz, na descrição que a ave faz da sua existência: “Vagueamos por diversas partes do firmamento do céu e das terras, como outros espíritos que são enviados, mas nos dias santos e nos domingos assumimos corpos como aqueles que vês e moramos aqui onde louvamos o nosso criador.” (Navegação I, p. 93). De facto, esta *vivência vagueante* é associável à função de mensageira. Para além disto, permite estabelecer pontes com outros elementos passíveis de serem valorizados. Assim, se a questão da errância nos remete para a importância deste tipo de deslocação nos *immrama*, também nos reenvia para a própria navegação de São Brandão que, apesar de ter um objetivo final, vagueia durante sete anos. Acresce a este elemento outro traço que na versão de Benedeit é muito atenuado<sup>19</sup>, e que consiste na descrição do modo como as aves glorificam o Criador, coincidindo amplamente com o comportamento expectável de uma comunidade de monges, como prescrito, nomeadamente, na *Regra de São Bento*<sup>20</sup>, pois cantam e chilreiam entoando versículos de louvor a Deus às horas convencionais. O texto refere, concretamente, a terceira vigília da noite, a aurora (“Com melodia igual à das laudes da manhã” – Navegação I, p. 93), a hora tércia, a sexta, a

<sup>19</sup> Na versão de Benedeit só vemos as aves acompanhar os ritmos das orações dos monges: “Deixaram o barco na praia e subiram para terra. Seguidamente celebraram Completas em solene salmodia. Depois deixam o corpo relaxar-se e adormecem, como quem está cansado. No entanto, ao cantar do galo cantam Matinas; e o canto das avezinhas tinha um responsório constante: ‘Deus esteja com eles’.” (Navegação II, p. 157).

<sup>20</sup> Originalmente do século VI, a *Regra de São Bento* foi um texto axial para as comunidades monásticas medievais. A consulta de algumas transcrições de manuscritos portugueses desta regra (e onde se incluem manuscritos Alcobacenses) pode ser realizada no site da “Oficina de Edições”, dirigido por I. CASTRO (FLUL): <https://oficinamssbento.wordpress.com> (data de consulta: 07-04-2020).

noa e, sobretudo, as vésperas quando cantam pungentemente por uma hora (Navegação I, pp. 93 e 95).

As semelhanças que encontramos entre estas aves e os ritmos de vida de alguns religiosos pode também servir de elo de ligação com o *Livro das Aves* que recorre a estes animais para promover a reflexão sobre características humanas e, não poucas vezes, se refere a comportamentos de eclesiásticos. Aliás, toda a primeira parte do livro, sobre a pomba e o falcão, põe em paralelo os homens de vida religiosa e os de vida secular<sup>21</sup>. Assim, parecemos que o episódio da Ilha das Aves pode articular-se com vários elementos do *Livro das Aves*, a fim de promover a reflexão dos monges, seus primeiros leitores, não só sobre si próprios, mas também sobre os seus ideais de vida e as virtudes a que deveriam aspirar.

Por outro lado, encontramos ainda nas duas obras referências a árvores especialmente imponentes que servem de poiso a diferentes aves. No caso do LA, é o Cedro do Líbano que sobressai em importância:

As suas árvores ultrapassam outras árvores pela altura, beleza e vigor, quando almas fiéis excedem outras pela altura do afecto, pelo vigor da perseverança. Por cedro entendemos Cristo. Este é o alto cedro do Líbano, semelhante ao hissopo que, sendo sublime, se torna humilde. Pássaros são os pregadores. Crias são os que foram gerados pela palavra da pregação. Ninho, o lugar da mente tranquila. Neste cedro fazem, pois ninho, os que, vivendo tranquilamente, não receiam pela eterna bem-aventurança.

LA, p. 91

Obviamente que o Líbano não é, nem tem que ver com uma qualquer ilha ao largo da Irlanda. Porém, não deixamos de ter pontos em comum e pistas de reflexão, sobretudo se pensarmos na importância da dimensão simbólica deste tipo de árvore para o imaginário humano, especialmente em termos de *axis mundi*<sup>22</sup>.

Igualmente comum é o sistema interpretativo das cores enquanto código de significações partilhadas. No *Livro das Aves*, e como seria de esperar, o branco é sempre equacionado com pureza<sup>23</sup>, sendo, no entanto, de destacar, alguma argumentação que é desenvolvida a este respeito, nomeadamente sobre a garça, cinzenta ou branca (apesar de a respetiva imagem ser colorida em tons de azul... – ver imagem 1).

---

<sup>21</sup> Diz-se explicitamente logo no início da obra: “Dei primazia à pomba no início desta obra, porque a graça do Espírito Santo está sempre preparada para qualquer penitente e só pela graça se alcança o perdão. Depois da pomba, tratar-se-á do falcão, pelo qual se representam as pessoas da nobreza.” (LA, p. 59).

<sup>22</sup> Sobre este assunto, ver a obra fundamental de Mircea Eliade sobre as imagens e os símbolos do centro: M. ELIADE, *Images et symboles. Essais sur le symbolisme magico-religieux*, Paris, 1979.

<sup>23</sup> M. I. R. GONÇALVES, op. cit., p. 24.



Imagem 1. A garça (ms. BN, Alc. 238 fl. 222v).

donde Rabano (*Da natur.*): “Esta ave pode indicar as almas dos eleitos, que receando as tentações deste mundo, para se não envolverem por instigação do Demónio em tempestades de perseguições, elevam os seus desígnios acima de todas as coisas temporais e as suas mentes até à serenidade da pátria celeste, onde sempre se avista o rosto de Deus”. A garça, ainda que procure alimento nas águas, faz ninho em bosques e em árvores altas, porque o justo, que se alimenta de coisas correntes e transitórias, põe a esperança em homens sublimes. A sua carne sustenta-se com coisas transitórias, mas a sua alma deleita-se com as eternas. [...] Umhas têm cor branca e outras acinzentada: ambas as cores se usam em bom sentido, se por branco se designar a pureza e por cinzento a penitência. São do mesmo género quer os que fazem penitência, quer os que vivem puramente. A cor da garça e o seu modo de vida dão, portanto, aos religiosos um exemplo de salvação.

LA, p. 147

São ainda várias as aves equacionadas com almas penitentes (caso da rola, de cuja voz se afirma que “representa o gemido de uma alma penitente.” – LA, p. 89), ou que podem transmitir conhecimentos sobre o futuro (caso do carádio, que se acreditava que podia prever o destino dos doentes; ou da pomba, da qual é dito, na sua apreciação moral: “Tem dois olhos, o direito e o esquerdo, ou seja, a memória e o intelecto. Num prevê o futuro, no outro chora o passado” – LA, p. 65).

Terminamos este ponto com duas remissões para outras obras. A primeira é o *Conto de Amaro*, editado a partir do Ms. único Alc. 462 / CCLXVI por Elsa Maria Branco da Silva e que integra o mesmo volume da *Navegação de São Brandão*<sup>24</sup>. Trata-se de um conto onde também se verifica a

<sup>24</sup> Atualmente disponível na Biblioteca Nacional de Portugal em <http://purl.pt/31019> (data de consulta: 07-04-2020). Tal como é referido na introdução da edição, apesar de este conto ter algumas semelhanças com a *Navegação de S. Brandão*, as diferenças são muito mais numerosas e significativas.

deambulação do protagonista em busca do paraíso terreal. Quando Amaro chega finalmente ao seu objetivo, o porteiro do Paraíso deixa-o vislumbrar o local onde, para além de muitas maravilhas, também se encontram seres que são simultaneamente anjos e aves canoras: “E aquellas donas sendo na tenda cõ sua senhora, viinhã muitas aves fremosas que avyã penas de angeos e pousavã sobre aquella tenda e cantavã melhor que nũca foy homẽ que ouvisse.” (CA, p. 279). Amaro detêm-se em contemplação o correspondente a 267 anos<sup>25</sup>... Esta informação remete-nos para a segunda referência, dada a sua articulação com uma conhecidíssima composição das *Cantigas de Santa Maria* onde um monge que também quer conhecer o paraíso fica suspenso trezentos anos em contemplação, desencadeada pelo canto de uma ave<sup>26</sup>.

Tan taste que acabada | ouv’o mong’a oraçon,  
oyu hũa passarinna | cantar log’en tan bon son,  
que sse escaeceu sendo | e catando sempr’alá.  
[...]  
Atan gran sabor avia | daquel cant’ e daquel lais,  
que grandes trezentos anos | estevo assi, ou mays,  
cuidando que non estivera | senon pouco, [...]

CSM, II, pp. 6-7

## 2. O combate entre o grifo e a ave enorme ou dragão

O combate entre o grifo e a ave enorme ou dragão é um dos episódios de perigo por que passam São Brandão e os seus companheiros, a par do combate entre monstros marinhos e a agressão pelos ferreiros infernais<sup>27</sup>. Tal como já foi dito pelo editor dos textos, trata-se de uma situação onde um animal protetor enfrenta e vence um animal agressor, sublinhando assim o amparo sobrenatural dos monges<sup>28</sup>. Com efeito, e tal como este episódio constitui um díptico com o episódio do combate entre os monstros marinhos, também os intervenientes em cada um dos dois combates manifestam características antagónicas.

Na versão mais antiga, um primeiro encontro com a “ave enorme” verifica-se quando esta traz até ao navio um ramo com um cacho de uvas vermelhas, grandes como maçãs e com aroma de romãs (Navegação I, pp. 101 e 103). A origem positiva deste acontecimento é garantida pela interpretação de São Brandão que exclama “Vede a refeição que Deus nos mandou” (Navegação I, p. 101), sendo que a alimentação lhes dura 12 dias. Posteriormente, em oposição à primeira ave, que foi providenciadora de

---

<sup>25</sup> “E o porteiro lhe disse: ‘Amigo, cree verdadeiramẽte que oje em este dia som passados duzẽtos e ses[s]eenta e sete annos que tu estás a esta porta e nũca te partiste della.’” (CA, p. 279).

<sup>26</sup> Alfonso X (o Sábio), *Cantigas de Santa Maria*, (ed. de W. Mettmann), Coimbra, 1961, vol. II, pp. 6-7, Cantiga n.º 103.

<sup>27</sup> Cf. A. A. NASCIMENTO, op. cit., 2002, p. 47.

<sup>28</sup> *Ibidem*, pp. 131-132, n. 57.

alimento, surge um grifo devorador “de garras estendidas para apanhar os servos de Deus” (Navegação I, p. 103). A ave positiva sobrevém e dá-se o combate aéreo:

aparece de súbito a ave que havia trazido os frutos, em voo rapidíssimo de encontro ao grifo. Este pretendeu devorá-la, mas ela defendeu-se e acabou ela por levar o grifo de vencida e por feri-lo. Por fim o grifo voou para as alturas de tal forma que os irmãos mal o podiam avistar. Todavia a outra ave não o largou até lhe dar a morte. O cadáver do grifo caiu também no mar diante dos irmãos. Então deram graças a Deus.

Navegação I, p. 103

Na versão de Benedeit, a ave enorme é denominada dragão, encontrando-se ausente a sua vertente de alimentadora dos monges. O combate terrífico entre o Bem e o Mal, nesta versão, é reportado de modo consideravelmente mais empolado e aterrador:

Certa ave, que dá pelo nome de grifo, desce do céu, vomitando fogo. Estende as garras para os apanhar. Da boca projecta chamas e tem garras mais afiadas que um punhal. Não existe prancha de navio com tal tamanho que ela não seja capaz de despedaçar com uma só das garras. Apenas com a agitação do ar e com o estampido do vento por pouco o navio é atirado ao fundo do mar. Mas, enquanto ela assim os persegue por mar, aproxima-se um dragão flamejante e luminoso. Ergue ele as asas, estende o pescoço e levanta voo bem junto ao grifo. Trava-se batalha entre eles no ar, mas as chamas produzem em baixo grande clarão. Golpes, chamas, bicadas, embates sucedem-se entre um e outro à vista de todos eles. O grifo é realmente grande, mas o dragão é maior, mais forte, e mais aguerrido. Fica tocado de morte o grifo e cai ao mar. E assim ficam vingados dele. O dragão retrocede com a vitória. E eles renderam glória a Deus.

Navegação II, p. 169

Infelizmente, o *Livro das Aves* que temos vindo a usar não integra monstros alados, ou seja, nem dragões, nem grifos... apesar de, a título de curiosidade, a imagem que no ms. Alcobacense 238 ilustra o capítulo sobre o avestruz (que é entendido como um animal bastante negativo, representativo dos hipócritas que imitam a vida dos bons – LA, pp. 117-125) parece-se significativamente com a imagem de um grifo, sendo ainda que a sua designação no manuscrito, “De Strutione”, pode soar a algo semelhante a *destru-tione*, o que não ecoa nada de positivo... (ver imagem 2).

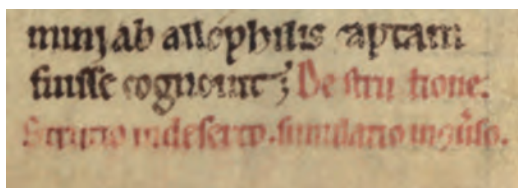
Assim, dada esta ausência nos *Livros das Aves*, socorremo-nos de uma obra amplamente conhecida na Idade Média e que também integra um bestiário: as *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha<sup>29</sup>. Acresce a existência, na coleção dos códices alcobacenses da Biblioteca Nacional de Portugal, de

---

<sup>29</sup> J. OROZ RETA, M. A. MARCOS CASQUERO (edd.), *Etimologias*, Madrid, 1983, vol. II (livro XII) – daqui em diante **Etim**. Note-se a estreita relação entre esta obra e a tradição dos bestiários, tal como referido por W. B. CLARK, op. cit, 2006, pp. 34 ss.



Imagem 2. O avestruz (ms. BN, Alc. 238, fl. 215v).



“De Strutione” (detalhe).

um manuscrito do século XIII com os 20 livros desta obra<sup>30</sup>, portanto, contemporâneo do ms. Alc. 238 (de finais do século XIII – in. do XIV), que é o que transmite a versão de Benedit da *Navegação de São Brandão*.

As apreciações que encontramos nas *Etimologias* sobre o grifo são, no entanto, lacónicas: é dotado de asas, tem quatro patas, corpo de leão, mas assemelha-se a uma águia na cabeça e nas asas. Habita nos montes hiperbóreos. É extremamente perigoso para os cavalos e também despedaça os homens que encontra (Etim. 12.2.17, vol. II, pp. 72-73). O facto de o grifo, nas *Etimologias*, se encontrar entre os animais terrestres explica a sua não inclusão nos *Livros das Aves*, apesar de se tratar de um animal alado. Para além de frequentemente omitido em fisiólogos e bestiários, o grifo é, numas tradições entendido como quadrúpede alado, noutras como ave, nomeadamente, como um pássaro enorme e cruel<sup>31</sup>. Com efeito, o seu carácter

<sup>30</sup> Trata-se do ms. Alc. 446, atualmente disponível na Biblioteca Nacional de Portugal em <http://purl.pt/26138> (data de consulta: 07-04-2020). A descrição deste exemplar pode ser consultada no *Inventário dos Códices Alcobacenses*, Lisboa, 1932, tomo V, pp. 416-417. Neste manuscrito, o grifo é descrito no fl. 120v-b, enquanto o dragão se encontra no fl. 122v-a.

<sup>31</sup> Ver J. LECLERCO-MARX, “Drôles d’oiseaux. Le caladre, le phénix, la sirène, le griffon et la serre dans le *Physiologus*, les Bestiaires et les grandes encyclopédies du XIII<sup>e</sup> siècle. Mise en perspective”, in C. Connochie-Bourgne, op. cit., pp. 163-178 que apresenta os diversos modos como o grifo é apresentado em múltiplas obras (pp. 170-172).

híbrido implica ambiguidade e, em consequência, possibilidades de arrumação distintas. Para além disto, apesar de congregarem em si partes de dois animais habitualmente positivos, solares (o leão e a águia), o facto de se tratar de um híbrido, tal como Pastoureau sublinhou<sup>32</sup>, imprime-lhe um carácter negativo, aparente na sua ação destruidora.

No que se refere ao dragão, Santo Isidoro inclui-o no capítulo sobre as serpentes. Apresenta-o como a maior de todas as serpentes e de todos os animais que habitam a terra. Com frequência sai das suas cavernas e eleva-se nos ares provocando ciclones. Tem uma crosta, boca pequena e uns canais estreitos pelos quais respira e tira a língua. A sua força não radica nos dentes, mas sim na cauda, causando com esta mais dano do que a morder. Não precisa de ter veneno para provocar a morte uma vez que mata por asfixia. Nem o elefante, apesar da sua grandeza, está a salvo do dragão: este esconde-se perto dos caminhos por onde passam os elefantes e enrosca-se nas suas patas até os asfixiar. Existem na Etiópia e na Índia, vivendo no calor, do incêndio que provocam nas montanhas (Etim. 12.4.4-5, vol. II, pp. 80-81). Trata-se, assim, de mais um animal perigoso e ameaçador, semelhante ao referido na *Navegação de São Brandão* por voar e combater com a cauda. Porém, o facto de, nesta obra, o dragão se apresentar como protetor dos monges parece aproximá-lo mais do papel que desempenha em algumas hagiografias, onde surge como elemento negativo, mas que se submete à divindade, mostrando assim a capacidade desta para dominar as forças negativas, um tema evidente para quem folhear, por exemplo, um exemplar da *Legenda aurea*, de Tiago de Voragine<sup>33</sup>, e cuja função Pastoureau demonstrou no seu estudo sobre a imagética do urso<sup>34</sup>.

Assim, não querendo, naturalmente, procurar ou estabelecer qualquer tipo de influência, filiação ou dependência direta, o que se me afigura pouco procedente, pretendi aqui sublinhar a ocorrência de alguns elementos relacionados com aves que, tanto na *Navegação de São Brandão*, como no *Livro das Aves*, poderiam suscitar reflexões confluentes. Neste sentido, estas

---

<sup>32</sup> Sobre o carácter negativo, porque ambivalente, dos animais considerados híbridos, como o leopardo, ver G. D. SUCHAUX, M. PASTOUREAU, *Le Bestiaire Médiéval. Dictionnaire historique et bibliographique*, Paris, 2002, pp. 83-84 ou M. PASTOUREAU, *Lours. Histoire d'un roi déchu*, Paris, 2007, pp. 187-188.

<sup>33</sup> Como exemplos deste tipo de situação, ver algumas das múltiplas vidas de santos compiladas por Tiago de Voragine – Jacques de Voragine, *La Légende Dorée*, 2 vols., Paris, 1967: Santa Margarida de Antioquia faz desaparecer um dragão fazendo o sinal da cruz (vol. I, p. 454); São Filipe apóstolo expulsa um dragão (vol. I, p. 330); São Primo e São Feliciano são lançados às feras, que ficam mansas na sua presença (vol. I, pp. 389-390); Santa Marta domina um monstro com água benta (vol. II, p. 22); São Mateus apóstolo expulsa dragões (vol. II, p. 213); São Jerónimo é servido por um leão que, depois de curado pelo santo, o serve como um animal doméstico (vol. II, p. 247)...

<sup>34</sup> M. PASTOUREAU, op. cit., 2007 estuda nesta obra o imaginário mais arcaico da submissão de animais especialmente fortes, perigosos ou negativos (ursos, mas também dragões, lobos ou leões) perante um santo, interpretando estes episódios como forma de demonstrar o domínio do divino sobre a natureza selvagem, seus perigos e mesmo forças “mais suspeitas”.

duas obras, presentes tanto na biblioteca da comunidade cisterciense de Alcobaça, como na dos Regrantes de Santa Cruz de Coimbra podem ser entendidas, não só como leitura comum, mas também como elementos propiciadores de eventuais articulações e de reflexões constitutivas de um mesmo universo mental de referências partilhadas.